

No meio do nada.

Por Juliana Fernandes Gontijo.

Maurício era um caminhoneiro com muitos anos de experiência, em estrada, com vários tipos de transporte. Logo, tinha muita história para contar. Algumas, os colegas de trabalho nem acreditavam. Certa vez, encontrou uma jaguatirica que fugia de um incêndio no mato. A bichana estava sedenta por água. Com pena do animal, deu o resto que tinha na garrafa. Como “agradecimento”, ele recebeu uma “roçada” na perna como se fosse o carinho de um gato. Alguns meses depois, no mesmo local, ele precisou trocar um pneu do caminhão. A mesma jaguatirica, que estava à beira da estrada, percebeu Maurício e espantou uma cobra que estava perto de dar um bote na perna dele.

Numa viagem com carregamento de bananas, perdeu o controle do caminhão e, para não bater em um ônibus escolar, jogou o veículo para fora da estrada. Bateu numa árvore. Se ele não tirasse uma foto, nem o dono da empresa acreditaria. Uma “ganguê” com uns 30 macacos-prego saqueou metade da carga.

Quando viajou para o sul do país, quase na divisa com o Paraguai, Maurício só se lembra até hoje da vaca preta na sua frente. Testemunhas disseram que seu pequeno caminhão bateu no animal, capotou e pegou fogo. Ele ficou 10 dias internado devido às queimaduras.

Quando foi à Bahia, viu a noiva da estrada, a “alma-penada” mais famosa dos asfaltos brasileiros.

Era muita história para contar que talvez desse um livro. No entanto, em todas as suas viagens, a que mais o impressionou foi quando fez transporte de combustível interestadual. Já havia uns dois anos que ele trabalhava como repositor do produto, ia para a refinaria somente para encher o caminhão e levar até a distribuidora. Mas, um colega sofreu um acidente de trabalho. Ele precisou substituí-lo no transporte da mercadoria. Trabalhou por 5 dias à noite. Por volta de umas 3 horas da manhã, passou por um ponto de ônibus numa estrada estadual e cismou que viu uma mulher sentada num banco. Como já estava bastante “vacinado” com a “noiva da estrada” e outros perrengues, pensou que estivesse na mesma situação. “Não vou parar!” — Pensou.

Menos de 100 metros à frente, freou bruscamente o veículo. “Tenho que voltar.” Por sorte, estava perto de uma clareira que era possível manobrar o caminhão. Deu meia volta e foi tentar fazer algo pela mulher que viu. “Mas e se for isca para assalto? Vou correr o risco, mesmo sabendo que não posso dar carona.” Foi chegando ao local, piscando os faróis. A mulher permanecia imóvel. Buzinou, sem resposta. Parou o caminhão; desceu; atravessou a rodovia até chegar ao encontro da mulher. Mesmo de longe, percebeu que ela estava machucada nas pernas.

— Ei, moça. O que aconteceu? Quero te... — Quando ela levantou o rosto, Maurício ficou pálido:

— Alexandra?!

Ela reconheceu a voz do motorista:

— Até aqui, no meio do nada, você me assombra? Eu te pedi para sumir da minha vida. E não me venha com essa de “quebrar o galho”. Pensa que esqueci?

— Pelo amor de Deus, Alê!

— Não me chama de Alê!

— Estamos a 600 km de nossa cidade e você acha que estou te perseguindo? Bem que jurei não parar o caminhão, mas a minha consciência ia doer, por não saber o que pudesse acontecer com alguém de madrugada numa estrada perigosa como essa. Foi pura coincidência. Eu mudei até de celular, depois da nossa briga, nem tenho seu contato mais, quer ver?

— Cala a boca e vai embora.

— Nunca! Conta o que aconteceu.

— Me deixa, cara!

— Não posso. Isso não faz parte dos meus princípios. Você me conhece!

— Sim! Conheço tanto que, quando eu precisei, você sumiu. E ainda ouvi dizer que eu era um “quebragalho” na sua vida. Então, fica longe!

— Desculpa, Alexandra. Você sabia que eu era casado.

— Era? Mas você me enganou.

— Era. Não sou mais! Me perdoa. Já passou! O problema aqui não é esse. Eu preciso te ajudar.

— Para mim, não passou ainda.

— Deixa de ser orgulhosa. Fala o que aconteceu. Aqui você não pode ficar.

— Eu estava voltando do velório do meu pai.

— Sério? — Eu sinto muito. Foi o câncer mesmo?

— Ele havia sido curado. Mas há 2 dias, caiu de uma escada no sítio e bateu a cabeça no chão. Estamos todos chocados. Foi tudo muito rápido.

— Meu Deus! Muita força para você e sua família, de coração. — Ele tentou abraçar a ex, mas a mulher não deixou.

— Um carro me abordou na estrada e começou um "pega". Ele foi mais do que eu e deu um cavalo de pau na minha frente e ouvi um tiro. Tive que frear, pois poderia bater nele, ou cair num precipício se eu desviasse. Eram dois caras. Apontaram uma arma no vidro do carro para eu sair sem gritar. Quando saí, eles me chutaram nas pernas e tomaram minha bolsa. Caí no chão. Arrancaram os dois carros. Não sei há quanto tempo estou aqui. Dei sinal para uns 5 carros, ônibus; ninguém parou.

— Era porque eu é que iria parar.

— Nem vem, Maurício. E paguei só a primeira prestação do carro.

— Você está viva, Alê! O carro você compra outro daqui a um tempo. Deixa eu te ajudar.

— Você não pode dar carona.

— Eu ligo para meu supervisor.

— Não. Chame a polícia! Não quero te causar problemas.

— Maurício ligou para a empresa, explicando a situação, dizendo que iria tentar ajudar a moça. Desligou o telefone:

— O meu supervisor disse que eu me responsabilizasse com as consequências caso dê algo de errado com o transporte de coletivo. Vamos embora, vou te levar a um posto policial. Pega meu número de telefone. Se precisar, pode me procurar.

Ela não respondeu. Durante o trajeto, os dois não conversaram. Ele apenas entregou o número anotado num papel de pão. Parece que tudo já deveria ter sido conversado entre eles antes de entrarem no caminhão. Chegaram ao local. A mulher agradeceu a carona ilegal e por ele ter lhe salvado a vida. A polícia desconfiada perguntou a Maurício:

— Seu nome? Algum problema?

A mulher interveio no diálogo e respondeu:

— Ele só me deu uma carona, porque eu fui assaltada no meio da estrada. Estava voltando do velório do meu pai. Levaram meu carro e minha bolsa. Esse homem não tem nada a ver com o incidente. Só me salvou. Nem sei o nome dele. Foi alguém iluminado que me apareceu, só isso. Pode deixar o cara ir embora. Ele tem que trabalhar.

— Sim, foi isso, senhor policial. Eu tive até receio de parar, pensando ser isca para assalto, mas a minha consciência pesou.

— Vou acreditar, cara. Se manda!

Ele deixou Alexandra com o policial como pareceu “o combinado” com ela. Mas não era um acordo. Maurício saiu com o coração partido, mas não havia nada a fazer. A ex não queria contato, muito menos uma possível futura conversa para contar sobre o resultado da investigação.

Olhou pelo retrovisor até perder novamente Alexandra de “vista”. Seguiu a estrada em direção ao posto de combustível na cidade vizinha. Ligou novamente para o supervisor:

— Eu fiz o que podia fazer. Ela não quis mais a minha ajuda. Já está em um posto policial na BR-101.

— Ok, segue seu rumo, rapaz. A vida é assim mesmo. Bom fim de viagem.

— Sim, sabe aquelas coincidências que não existem, mas que acontecem apenas para dar uma chacoalhada na vida da gente? Esta foi uma!
